



### OS ESPIRITOS DAS ROCHAS

Os povos mais supersticiosos são aquelles onde a luz da civilisação ainda não penetrou. O continente africano, principalmente nas regiões do interior, está cheio de crendices e superstições. Os pretos, na sua ignorancia lastimosa, adoram toscos idolos de madeira e dão credito ás lendas mais extravagantes, muitas das quaes, diga-se a verdade, não carecem de poesia.

A parte da costa occidental que se estende desde Mbeté, em Mombeté, ao sul, até ao rio Rufutu, é considerada tradicionalmente pelos indigenas como uma terra sagrada. A cada um dos seus escolhos, dos seus bosques, das suas montanhas rochosas, a cada um dos seus desfiladeiros está ligada a idéa da presença de um espi-

rito. Entes vagos, phantásticos, indescriveis, produzidos por um mêdo ignorante e por uma superstição que passa de paes a filhos, governam aquelles logares! Tudo que succede nas proximidades dos santuarios d'esses poderosos espiritos é retido reverentemente na imaginação dos pretos, que procuram dar uma explicação extraordinaria e phantastica á coisa mais insignificante.

Uma topada, a apparição d'um animal feroz, o subito cantar d'uma ave formosa, o ruido de uma catarata, qualquer coisa, emfim, que aconteça perto da *morada dos espiritos*, é para o negro como que um aviso mysterioso, uma revelação vaga, tão vaga que não é facil acertar com a explicação.

Tres montanhas em forma de columnas, muito

similhantes a torres de caprichosa phantasia, chamadas Mtombua, e das quaes damos o desenho em gravura, passam por ser a habitação dos mais poderosos espiritos!

A altura d'aquellas montanhas é proxima-mente de mil e duzentos pés. Segundo a crença dos indigenas, os espiritos residem mesmo no cume das mysteriosas torres, e d'alli dão ordens aos ventos e ás ondas!

Nada ha mais poetico e ingenuo!



## O MAIOR PODER...

— Porque será, mamã, que muitas vezes,  
Em noites tenebrosas,  
Eu ouço um estampido mui grande e forte,  
E vejo largas fitas luminosas?

Que são ellas?... D'onde vem?... Lá do ceu?...  
Responde-me, mamã!  
O que é esse barulho que me assusta  
Quer de noite, de dia, ou de manhã?

— Filha, é a natureza com voz forte  
Exclamando aos atheus:  
«Vós que sois grandes, reis, e poderosos  
Vêde! o poder maior é o de Deus!»

Lisboa

A. MEIRELLES DE LEMOS.

## LOGICA DE FERRO E CORAÇÃO DE OURO

(CONTO INFANTIL.)

## I

A chuva açoutava as vidraças da sala de jantar e o relógio de nogueira, encimado por um ramo de fructas, batia 6 horas. Dezembro frio e tempestuoso.

Um candieiro de bronze, de uma elegancia severa, suspenso do tecto ornamentado de estuque, derramava uma luz clara por sobre a alva toalha de linho que servia de fundo a um diaphano serviço de Sèvres. Uma bonita e alegre mamã servia a sôpa ao estremecido esposo, que muito satisfeito e jovial parecia respirar felicidade. Depois, seguiam-se duas louras e encantadoras creanças — Carlitos e Luizinha.

Na sua qualidade de senhora, Luizinha era a primeira servida, apesar de mais nova um anno — Carlos já contava tres. Era um homem, como dizia o papá.

Um dia, notando o pae que Luizinha não comia, observou:

— Então, já a mamã, o mano e eu comemos a sôpa, e a menina...

— Não tenho vontade... Doe-me!... — interrompeu Luizinha.

E o pae e a mãe, muito afflictos, dialogavam:

— Que terá a pequena?!

— Está tão quente!...

— Terá febre?!

— Chama-se o medico.

— É melhor.

— Chama-se o medico.

E chamou-se o medico.

— Então, doutor? — dizia o pae com anciedade, vindo muito apoquentada a mãe; será coisa de cuidado? Ella é tão fraquinha...

E o Carlitos, muito conchegado á mãe, choramigava:

— A mana está doente!

Mas o doutor, sorrindo e beijando o pequeno, redarguiu:

— Não tenham cuidado, não é nada. Deitem n'a e agasalhem-n'a. Uma leve indisposição. Hoje não se lhe dá mais alimento. Amanhã levanta-se e toma um caldo de gallinha.

E despediu-se.

No dia seguinte, pela manhã, Luizinha estava melhor.

— Tens fominha? — perguntou a mamã.

— Tenho.

— A Maria já te vai dar um caldo.

E ficou Luizinha só com o irmãozinho, que a entretinha com uns bonitos.

A creada demorava-se e Luizinha, impaciente, chamou:

— *Maia!*

Esta, entrando no quarto, perguntou:

— Que quer, minha flôr?

— *Taga-me* um caldo de gallinha.

A creada respondeu que sim, mas que era melhor vestir-se. E vestiu-a.

Carlitos, que tomou muita conta em toda esta scena, despiu-se e mettu-se na cama, d'onde ha pouco tinda saído a irmãzinha; embrulhou-se no mesmo chale, e principiou a gritar:

— Maria! Maria!!

A creada e até os paes e Luizinha vieram vêr o que era.

Carlitos assim que vio a creada, ficou muito senhor de si e dando-se ares, exclamou:

— Maria, traga-me um caldo de galinha!

Todos riram do subterfugio de Carlitos para tambem apanhar o seu caldo de galinha; o pae, comtudo, entendeu e entendeu bem, que devia reprehender-o:

— Se tinha appetite a um caldo, fosse franco... ser-lhe-ia servido... mas imitar a irmã... é manha...

## II

Clotilde se chamava a mãe de Carlitos e Luizinha; o pae chamava-se Paulo.

Depois de jantar ficaram todos á meza em animado serão. Paulo, em voz alta, lia uma obra de Froebel. Clotilde bordava uma almofada para offerecer a um bazar de crêches, e os irmãos brincavam: elle, com soldados de chumbo—um exercito!—ella, com uma boneca muito loura, muito bem vestida—uma fidalga!

As tropas em linha preparavam-se para o combate. Um guardanapo estendido era o campo da batalha. Uma salva de prata—a fortaleza.

Luizinha queria que a sua Clotildesita—a boneca tinha o nome da mamã—presenciasse de pé aquelle espectáculo bellicoso, diligenciando para isso mantel-a em equilibrio, mas o equilibrio faltou, e, a *Cóttide*—como ella dizia—cahiu, derubando o exercito, qual outra Joanna d'Arc.

Carlitos, alheio á historia dos doze de Inglaterra, sem mais tirar nem guar-te, arrumou tal safanão á pobre da boneca, que lhe partiu um braço. Um imprudente!

Luizinha desatou a chorar. Lagrimas de mãe!

O Carlitos, esse levou para o seu tabaco. O pae bem lhe pregou que a boneca era uma senhora, e que n'uma senhora não se bate. Covarde! E disse-lhe tambem que muitos exercitos tinham sido derrotados por causa das senhoras; que a guerra de Troya incitada por Menelau, durára cem annos por culpa de Helena, sua mulher, ter sido roubada por Páris; que...

Foi interrompida esta justa admoestação pela entrada da sr.<sup>a</sup> D. Gertrudes, de seu marido—o sr. Souza, e do menino Rodrigo. Muitos cumprimentos, muitos abraços, muitos beijos—o costume.

Carlitos, esquecido da admoestação, e Luizinha da fractura do braço da boneca, bateram as palmas e bradaram:

— Olha os tios!

— Olha o priminho!

Gertrudes era irmã do papá.

A conversação desenrollou-se alegre e affectuosa.

Clotilde e Paulo diziam que os manos já se tinham esquecido d'aquella choupana. Não appareciam ha tanto tempo! A tia Gertrudes defendia-se, retorquindo que os estudos do Rodrigo

a retinham em casa... agora, porém, já podia saber, porque o pequeno fizera exame...

— E sahiu approvado, acudiu logo uma voz.

— Sahuu, sahuu.

— Ah! bravo! bravo!

— Muitos parabens!

— Muitos parabens!

E Luizinha, interrompendo, muito contente:

— Olhe, papá, o *piminho concetou a Cótide*.

O pae, então, muito sentencioso, disse:

— Vês, com oito annos, já revella a sua vocação. Ha de ser um engenheiro.

O Rodrigosito agradeceu muito presumçoso, e, com fumaças de homem, puxou de um pequeno relógio de prata, que fez luzir o olho ao Carlitos, todo mordido de curiosidade. Carlos rebentava se não perguntasse:

— Quem t'o deu?

Rodrigo respondeu muito prompto:

— Foi o papá.

Então o primo, muito meigo, a trepar pelas pernas do pae:

— Eu tinha appetite de um relógio.

— Imita o teu primo; estuda, e terás um.

Mas o Carlitos, com um ingenuo ar de despeito, os olhos baixos, atalhou:

— Eu imitei a mana para me darem um caldo de galinha... e o papá disse, que imitar... era manha!...

.....

O pae sorriu-se em tom reprehensivo:

— Sempre me sabiste uma peça!...

Carlitos, muito vermelho, quasi fazendo beicinho:

— Se sou peça... então... pum!

## III

Os pequenos brincavam com outros, filhos da vizinha do segundo andar, em grandes correrias pelas casas fóra, fingindo uma equipagem tirada a possantes cavallos. Luizinha fazia de proprietaria do carro, ao qual Carlitos atrelara os dois meninos da vizinha.

Um d'elles fez não sei que maldade, que obrigou Carlitos, com uns modos de Salomão, a pronunciar esta formidavel sentença:

— Ah!... Tu és mau, Pedrito? Pois já não és cavallo!

Paulo trabalhava no escriptorio, quando o filho—o Carlitos—veio annunciar-lhe a tia— a sr.<sup>a</sup> D. Gertrudes— que parecia vir muito apouquenta.

Tinha os olhos arrazados de lagrimas.

O sobrinho olhava-a compadecido; nas suas infantis cogitações parecia que o coração lhe adinvhava cousa má. E não se enganou nos presentimentos.

D. Gertrudes vinha supplicar o auxilio do irmão. O marido tinha uma letra que se vencia n'aquelle dia, e, se a não pagasse, ficava desgraçado. Uma deshonra! Contava com um ne-

gocio que lhe fahára. O que havia de ser d'ella, do filho e... Uma verdadeira desgraça!

O irmão, inquieto e commovido, respondeu-lhe que não tinha 500.000 réis disponiveis e não se lembrava de expediente algum. Sentia muito aquella fatalidade, mas que fazer?

E a irmã chorava a bom chorar!

Então Carlitos, com um nó na garganta, o coração oppresso, os olhos a inundarem se-lhe de lagrimas, balbuciou com ternura:

— Se eu tivesse... um relógio... como o priminho... Rodrigo... e a Luizinha... me viesse pedir 500.000 réis...

— O que fazias? — acudiu o pae.

Carlitos soluçou:

— Vendia-o... e dava-lhe o dinheiro!

Paulo pegou de umas inscripções, fructo das suas economias, e foi immediatamente vendel-as. Emprestou o dinheiro á irmã e trouxe para o seu bom e innocente Carlitos — um relógio de ouro, pequeno mas bonito!

Lisboa, 17—11—83.

RANGEL DE LIMA JUNIOR.



### O CÃO DE STANLEY

Nas suas viagens de exploração pelo interior d'Africa, Stanley fazia-se sempre acompanhar por alguns cães escolhidos, que de muito lhe serviam nas occasiões perigosas. O cão é o animal que mais se affeição ao homem; para o defender sacrifica até a propria vida. Não admira, pois, que Stanley sentisse um grande desgosto ao ver morrer o seu fiel *Bull*. Eis como elle se expressa a tal respeito:

«Durante a jornada de Nyambarri para Gambanagao, o velho *Bull*, o ultimo dos meus companheiros da raça canina que eu trouxera de Inglaterra, succumbiu ao peso dos annos e das fadigas d'uma viagem de cerca de mil e quinhentas milhas. Com a tenacidade peculiar aos *bull-dogs*, persistiu em seguir os meus soldados, que tinha por habito acompanhar, e que se afastavam d'elle cada vez mais. Offegante, cahindo, gemendo, levantando-se, esforçava-se sempre por caminhar. Afinal, faltaram-lhe as forças; deitou-se na estrada, gemendo, e morreu um momento depois, com os olhos fitos no caminho que tão corajosamente tentara seguir.

«Pobre cão! Que bons e fieis serviços foram os seus! Como se alegrava ao ouvir repercutir-

se na floresta o estampido da minha carabina! Como elle applaudia, com a sua voz forte e sonora, o tiro bem empregado! Que enormes extensões de bosques cerrados, de planicies ardentes, de montanhas elevadissimas tinha percorrido! Como elle mergulhava no pantano ou no rio, ou se introduzia pelo matto virgem! Nas noites mais escuras, a sua voz afastava do acampamento os ladrões e os animaes ferozes. O seu rosnar respondia aos temerosos uivos da hyena, e os rugidos do leopardo não o amedrontavam. Assustava os selvagens com a firmeza do olhar, e fazia-os recuar deante da sua attitude ousada e temivel.

«Adeus, gloria da tua raça! Descansa dos teus trabalhos na silenciosa floresta! Não tornarás a subir a montanha com passo rapido, não esquadrinharás as planicies, não penetrarás nas altas hervas, não me seguirás atravez dos bosques, porque estás agora debaixo da terra, como os teus companheiros!»

É eloquente este adeus de saudade. Ah! triste é dizel-o! se os homens dedicassem uns aos outros affecto equal ao do cão pelo dono, a humanidade seria mais feliz!

## JORGE STEPHENSON

Não ha nada que mais me encante do que ver uma locomotiva preparando-se para fazer uma viagem. Expellindo columnas de vapor, assobia, avança, retrocede, e n'isto anda até que, fechando as valvulas, solta um assobio prolongado e parte rapidamente, puxando os seus grandes e elegantes carros, largando grossas e successivas bafuradas de fumo, as quaes, subindo e quebrando-se, deixam atraz de si uma comprida cauda branca e fluctuante, que desaparece ao longe com o compassado estrepito do comboio.

É uma cousa lindissima!

Olhada então pelo lado economico, o que haverá que se lhe possa comparar?

Realmente é enorme a influencia que a construcção de vias ferreas está exercendo na civilização do seculo XIX. É maior, muito maior do que a que alcançaram em largos annos os progressos da sciencia, a propagação de idéas sociaes e politicas e a força, em fim das armas, que a invenção dos carris ha de inutilizar com o tempo.

Os caminhos de ferro podem fazer de cada continente uma grande nação, em que se confundam os idiomas, se eguallem os povos e se identifiquem os interesses.

E a quem se deve uma tal maravilha? Muitos foram os homens, illustres pelo seu saber, pelo seu talento, e pelo seu amor ao trabalho, que se dedicaram fervorosamente á resolução de um tão grave problema. A muitos d'estes se devem elementos importantes; mas quem conseguiu verdadeiramente as honras de inventor do caminho de ferro não foi um discípulo de academias crebres, não foi um d'esses homens que, desde creanças, parecem destinados a futuros radiantes, pelas boas condições da fortuna e da consideração social dos paes. O invento esplendido, cujos effeitos hoje disfructamos, deve-se ao filho de um simples fogueiro.

Nascido em Wylam (Inglaterra) em 1781, soffrendo as privações que necessariamente deviam resultar das precarias circumstancias em que se achava o pae, então empregado na bomba de incendios de uma mina de carvão, teve aos sete annos de se sujeitar á vida de pastor, mediante uma soldada insignificantissima. Mas já

n'essa idade, em que ordinariamente se cuida apenas de brinquedos futeis, Jorge Stephenson, o futuro engenheiro, se occupava de levar a cabo, conforme lh'o permittiam os recursos de que podia dispôr, diversos trabalhos, aliás rudimentares de mechanica.

Só aos dezeseite annos conseguiu ir para a escola, onde apprendeu a ler, a escrever, e a contar. Algum tempo depois, tendo arranjado um lugar de machinista nos arredores de Newcastle, tratou de ampliar os seus conhecimentos scientificos, para o que se viu obrigado a des-

empenhar misteres dos mais grosseiros, como o de remendar o fato e o calçado dos condiscipulos. O concerto feliz de um relógio foi o que começou a tornar-lhe o viver mais supportavel. Entrou a ganhar algum dinheiro e casou com uma creada de servir, da qual teve um filho. O peculio que tão trabalhosamente havia adquirido exgottou-se quando teve que pagar a quem o substituiu nas milicias, para que tinha sido chamado, durante a guerra com a França, e quando teve que servir de amparo ao pae que cegára. Jorge Stephenson porém, continuou a trabalhar e a estudar cada vez com mais afinco.

Em 1810 concertou uma machina destinada a exgottar um poço, que não funcionava, a despeito de todos os esforços que se tinham empregado. O bom resultado que obteve começou de grangear-lhe uma grande reputação, e fez que lhe dessem uma gratificação importante e o nomeassem machinista.

Dois annos depois, tendo estudado mathematica, mechanica e chimica, foi nomeado engenheiro da mina de Wellington, onde, substituindo os carris de madeira por carris de ferro, e empregando os planos inclinados, conseguiu reduzir o numero de cavallos empregados na mina á sexta parte.

Era por este tempo que se pensava em empregar o vapor como meio de tracção. A primeira tentativa foi feita por Trevithick e Vivian, que quizeram substituir os cavallos, na conducção do carvão, por uma locomotiva a vapor. Stephenson emprehendeu então construir uma locomotiva aperfeiçoada, que concluiu em dez mezes. Depois de algumas modificações operadas no systema das rodas, a locomotiva puxava



JORGE STEPHENSON

oito wagons com a velocidade de 4 milhas por hora. Modificando ainda a posição do tubo de descarga, ficou augmentada a força da machina, sem crescer a despesa de combustivel.

Era certo que estava inventado o caminho de ferro. No entanto, as grandes vantagens de um tal invento não foram, nem podiam ser, desde logo reconhecidas. Todos achavam engenhoso, mas poucos ou nenhuns lhe entreviam a utilidade pratica.

Em 1815, porém, tendo o parlamento auctorizado a construcção de um caminho de ferro entre Darlington e Stockton, Stephenson foi nomeado para dirigir os trabalhos. A inauguração d'essa via foi feita com extraordinaria pompa e animação em 27 de setembro de 1825. A uma machina movel chamada a *Experiencia* foram atrelados 34 carros, onde iam as auctoridades, os convidados, os musicos e grande porção de mercadorias. Um dos carros levava uma bandeira, onde se lia *Periculum privatus, utilitas publica*, o que traduzido livremente significa: perigo para alguns, mas utilidade para todos. A partida, a multidão fez uma ovação estrondosa, e algumas pessoas que a cavallo, quizeram acompanhar o comboio, ficaram, dentro de pouco,

muito para traz. A velocidade era de 40 kilometros por hora.

D'ahi por deante Stephenson foi o encarregado de dirigir os trabalhos de construcção de quasi todas as linhas na Inglaterra, na Escocia e na Irlanda. Em 1840 entregou a seu filho e a alguns engenheiros seus discipulos as funcções que desempenhava n'algumas companhias e retirou-se para uma casa de campo que possuia em Tpton, onde inventou um freio, que, maneado por um só homem, pode deter um comboio.

Foi depois nomeado presidente da companhia dos caminhos de ferro de Yarmouth e de Norwich, e da sociedade de engenheiros. Quando se tratou de estabelecer uma rede de caminhos de ferro na Belgica, foi ahi chamado e recebido esplendidamente por Leopoldo I.

Uma pleurisia, que o atacou depois de uma viagem que fez a Hespanha e a França, alterou-lhe de tal forma a saude, que se retirou definitivamente a Tpton, onde morreu, de uma febre intermitente, em 1848.

Hoje, em Wylam e Liverpool, existem estatuas d'este homem notavel e benemerito, a quem a civilização deve uma das suas mais brilhantes conquistas.

G. B.

## DE LISBOA A PARIS

### V

Hugo, senhor de Versailles, foi do tempo dos primeiros Capetos. Alli tinha o seu solar, em cujos arredores se entretinha a caçar, quando descansava das campanhas feitas na Italia, em Hespanha contra os Mouros e em França contra os Normandos.

Um de seus descendentes, Marcial de Leomenie, foi victima do prepotente *Gondi*, marechal de *Retz*, que o fez assassinar e se lhe apossou dos bens e senhorio.

O rei Luiz XIII, encantado com a belleza do sitio, ou com a sua boa posição para as suas caçadas, ahi fez erigir uma casa de campo, centro das suas excursões venatorias. Esse pavilhão campestre converteu-o Luiz XIV n'essa residencia, sem duvida a mansão real mais vasta e esplendida da Europa e digna do grande rei.

Foram seus architectos *Levau*, *Dorbay*, *Mansart*, *Gabriel* e *Peire*.

As vistas geraes do palacio, tomadas da entrada da praça d'armas ou do lago d'Apollo, são de surprehendente magnificência e belleza.

A entrada principal ou praça d'armas é decorada pela estatua equestre de Luiz XIV, 4 grupos e 16 estatuas. A estatua do grande rei é de *Petitot* e o cavallo é de *Cartellier*. Este monumento não vale mais do que o de D. José na praça do Commercio em Lisboa. Os grupos são de *Marsy*, *Tabr*, *Coysevox*. As estatuas de diversos grandes homens são obras tambem de diversos grandes escultores e o mesmo succede

com as estatuas que aecoram o pateo de marmore.

A capella é um primor de bom gosto. Exteriormente admiram a pureza das plastras corinthias e as archivoltas das grandes janellas. Por todos os lados e alturas a decoram estatuas de santos, executadas por artistas de merito. Os grupos de anjos, que ornamentam as duas extremidades, obras de *Lepantre* e *Coustou*, são de admiravel execução.

Interiormente, o altar-mór é de marmore e bronze dourado. As capellas e altares lateraes tem pinturas e baixo relevos de *Jouvenet*, *Coustou*, *Adam*, *Vinache*, *Bouchardon*, *Lepantre*, *Slodtz*.

São obras primas a gloria de *Coyvel*, a ressurreição de *Lafosse* e a descida do Espirito Santo de *Jouvenet*, as duas primeiras pintadas nos tectos, e a ultima sobre a tribuna real.

Dos dois lados, por detraz da estatua de Luiz XIV, na praça d'armas, elevam-se dois pavilhões modernos, sustentados sobre columnas corinthias. No frontão de cada um d'elles se lê: *A toutes les gloires de la France*. Com effeito os maiores artistas e os maiores guerreiros da França tem alli seus monumentos de gloria. Versailles é um grande museu historico, devido a Luiz Philippe e ao insigne architecto *Neveu*. Custou 23 milhões e meio de francos e foi inaugurado a 10 de junho de 1837.

Não é aqui lugar proprio para fazer uma renhenha completa de todas essas galerias de esculturas e pinturas, que acompanham a vida militar

da França, principalmente do tempo de Luiz XIV e dos Napoleões, executadas por artistas como *Couston, Delaroché, Scheffer, Vernet, Gerome, Bouchot, Muller, Pradier, Bosio, Cousin, Van der Meulen, Lebrun, Leconte, Parrocel, Blondel, Bulanger, Gerard, Isabey*, etc., etc.

O que ha de mais notavel em *Versailles*, além das duas vistas geraes, já apontadas, da capella e pateos real e de marmore, são: o theatro, a *galeria do rez-do-chão* ou *das esculpturas*, a camara de Luiz XIV; as galerias *dos espelhos, das cruzadas, das batalhas*; os salões *da paz* e do *Oeil de Boeuf*; a escadaria *da rainha*; a estatua de Napoleão, o grande, no seus ultimos dias; o pomar, *les rocailles*; os lagos de Latona, d'Encélado, d'Apollo, de Neptuno, da Pyramede, de Flora; a *gruta dos banhos de Apollo*; o *grande Trianon*, a carruagem da coroação, que serviu

a Luiz XIV e aos Napoleões, e o *pequeno Trianon*, tão cheio de recordações dos infelizes Luiz XVI e Maria Antonietta.

Não deixaremos de mencionar o celebre *Jogo da pella*, onde, em 20 de junho de 1789, os deputados do terceiro estado juraram não se apartarem antes de darem uma constituição á França.

*Versailles*, de 28:000 habitantes, é uma residencia encantadora para quem prefere ao bulicio e aos theatros o socego, o ar puro e sombras convidativas.

Não fallando do palacio real e de seus parques e jardins, tem *Versailles* a bella praça *Hoche*, decorada com uma estatua d'este grande general, natural d'esta cidade, e tem as tres bellas avenidas *de Paris, de S. Cloud, de Sceaux*.

(Continúa)

SILVA FIGUEIRA.



## VERSOS AO JULIO

## O BURRO

Era uma vez um menino  
Por extremo cabeçudo  
E que tinha em gráu supino  
A negação pelo estudo.

Debalde o pae lhe dizia,  
Ora amigo, ora iracundo,  
Que estudasse, p'ra algum dia  
Vir a ser alguem no mundo.

Luiz (tal era o seu nome)  
Procurava co'os seus botões:  
— Mais quero morrer de fome  
De que estudar as lições...

Era um mandrião egregio,  
Era um madraço de cruz,  
Que tinha horror do collegio  
Como o demonio da cruz!

Até, jogando o cucarne,  
Disse: (que instintos carnív'ros!)  
— Se os livros fossem de carne,  
Já tinha comido os livros!...

Um dia, porém, ao vel-o,  
Notaram as tias velhas,  
Que lhe cahia o cabelo,  
Indo a crescer-lhe as orelhas!!!

Mais tarde, passado um mez,  
O corpo cobre-se a furto  
Da cabeça até aos pés  
Com pello rispido e curto!

Passadas mais tres semanas,  
Luiz tornára-se horrendo!  
Perdeu as fôrmas humanas  
E a cauda foi-lhe apparecendo!

A voz tornou-se-lhe rouca;  
Quiz fallar, soltou um zurro;  
Dando um coice, abriu a bocca,  
Poz-se a zurrar como um burro!!!

Ao ver-se assim transformado,  
Luiz conheceu então  
'star p'ra sempre condemnado  
A andar co'as mãos pelo chão!

E, de chicote no lombo  
E esporas sempre nas v'rilhas,  
Lá anda triste e masombo  
Ha mais d'um mez em Caciahas...

.....  
Leitor: não faltes á escola,  
Leva a lição bem sabida,  
Aliás, preso na argola,  
Ficas burro toda a vida...

## ALEGRIAS

Nos seculos passados tornou-se verdadeira mania o tentar converter os meteos em oiro. Um novo alchimista apresentou-se ao papa Leão X, que era um grande protector das artes, e pediu-lhe uma recompensa por ter descoberto o segredo de fazer oiro. Leão X pareceu annuir ao pedido, de modo que o charlatão contava já com uma brilhante fortuna. No dia destinado para a recompensa, o intelligente papa deu ao espertalhão uma bolsa vazia, dizendo-lhe:

— Visto que sabeis fazer oiro, apenas precisas d'uma bolsa para o guardar.

O charlatão ficou corrido.

Acabava de representar-se o 5.º acto da *Dama das Camélias*. Ergue-se de novo o panno, e apresenta-se um homem de casaca e gravata branca. Sauda a platéa e diz:

— Minhas senhoras e meus senhores, acabas de assistir ao fim desgraçado da *Dama das Camélias*. Pois bem: Margarida Gauthier não teria morrido tísica se tivesse feito uso das pastilhas peitoraes do doutor Johnson, que se vendem na rua de tal.

Isto é que é saber fazer *réclame*. O caso passou-se na America.

Dizia um gastronomo ás pessoas que se levantavam da mesa por terem contado 13 commensaes:

— O n.º 13, meus senhores, só é fatal quando a comida chega apenas para 12.

Uma vez, andando um medico a visitar um hospital de alienados, foi procurado por muitos doentes, que se queixaram da má qualidade da sôpa que lhes davam. Para julgar se era justa a queixa, o inspector entrou com os queixosos na cosinha, onde estava um grande caldeirão cheio de caldo a ferver.

De repente, um dos doidos, homem de grande força, acerca-se do medico e diz-lhe:

— O doutor está muito gordo. Devia fazer um bello caldo. Vamos experimentar?

Os outros doidos, achando a idéa excellente, dispunham-se a metter no caldeirão o pobre medico, quando este teve uma lembrança luminosa.

— Esperem um momento! — exclamou elle.

— A sua idéa é magnifica; mas estou vestido e o fato não é dos melhores temperos... estragava a sôpa. Vou despir-me primeiro.

O arrazoado convenceu os doidos, de modo que o medico pôde sahir da cosinha. Escapou de boa!



## HORAS ENTRETIDAS

175 — LOGOGRIPO POR LETTRAS

(VERSOS D'UM AUCTOR DESCONHECIDO)

Vem ver ó virgem com á noite a lua — 1 — 9 — 3 — 7 — 5  
Doce palpita sobré um céu d'arminho — 3 — 7 — 8 — 2  
Calá-se a ave no escondido ninho — 5 — 3 — 9 — 6 — 2  
A voz da noite na amplidão flutua! — 4 — 7 — 3 — 5

Quão brandamente a viração murmura — 5 — 3  
Nas verdes folhas da tremente planta! — 6 — 2 — 1 — 9  
Tudo o que moves, o que deleita e encanta — 2 — 6 — 7 — 3  
Tens tudo aqui, tudo é prazer, ventura! — 5 — 1 — 9 — 3

Ai! mas não via que só tu me faltas  
Tu que só dás á natureza encanto!  
Tudo era bello, mas um triste manto  
Gobriu-me o éden que só tu me esmaltas!

Vizeu O PEQUENO ANTONINHO.

176 — PALAVRAS EM CRUZ

Quatro AA — um O — dois II — um C — um L —  
Um N — um M — e um R commum. — Com estas letras  
formar dois nomes de mulher.

Lisboa FANTOCHE.

177 — CHARADA

Uma provincia portugueza — 2  
Aqui poderá encontrar — 1  
Mas o todo reunido  
É um ve.me mui vulgar.

Monchique CUNHA &amp; C.ª

178 — CHARADA NOVISSIMA

Este instrumento na escada é ave — 1 — 1

Lisboa OS DOIS PYRAMPOS.

179 — CHARADA NOVISSIMA

No mundo a virtude bebe-se — 1 — 1

Monchique GASCÓN.

180 — CHARADA NOVISSIMA

Este presente em vaso é delicado — 2 — 1

Lisboa HERMINIA.

181 — CHARADA NOVISSIMA

Na musica esta serra é appellido — 1 — 2

Lisboa OS DOIS PYRAMPOS.

182 — ENIGMA

La La La La La La La La

Monchique CUNHA &amp; C.ª

183 — PERGUNTA INNOCENTE

Qual é a cidade que vigia?

184 — PERGUNTA INNOCENTE

Em que se parece uma cartuiagem com uma trovoadá?

185 — PERGUNTA INNOCENTE

Em que se parece uma ponte com uma agulha?



## SOLUÇÃO DOS PROBLEMAS

170, Bardo, Cardo, Dardo, Fardo, Nardo, Sardo, Tardo — 171, Jacaré —  
172, Gineterio — 173, Macella — 174, Portatil.